O raio que rachou o rio

Marcela Feriani

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

miolo-oraioquerachou.indd 3 21/09/2023 13:48:51

1.

Foram os sonhos que acabaram com a vida de antes, com a dita saúde mental. Foram eles que me descolaram para outros mundos e me impossibilitaram a convivência. Uma enxurrada de imagens e sentires noite após noite, tomando forma e ocupando espaços robustos no meu caminho. Paredes anuviadas entre eu e os outros.

Acordo exausta de tanto sonhar. Alguns dias são assim mesmo. Como se durante o sono percorresse longas travessias a pé, ralando os joelhos. Ainda deitada, aperto os olhos e tento voltar. Um rio em margem seca. Eco do choro de criança. Cheiro de fumaça. E o coração acelera de novo. A única forma que eu conhecia de não perder meus sonhos para o sol era contá-los. Já não tenho quem escute, por isso decido escrever. Minhas mãos calejadas de remo abrem e fecham bolhas periódicas. Mãos jovens e enrugadas, secas de outono interno. Agora terão marcas oriundas de novas ferramentas: lápis e loucura. Veremos do que juntos somos capazes.

miolo-oraioquerachou.indd 7 21/09/2023 13:48:51

Entre as 65 ilhas da baía de Garabebel elegi a que se chama Saudade como lar. Essa é a maldição de quem vive aqui, mastigar devagar cada letra da Saudade. Solidão aos domingos. Ausência na segunda. Urticária na terça. Dor na quarta. Alegria fingida na quinta. Despedida na sexta. Entorpecimento aos sábados. É bonito.

Repouso os pés no chão gelado e em lento erguer de tronco já esqueci do seu início. Talvez um sonho se cumpra nele mesmo. Talvez seja esse o seu objetivo, viver em si, sem ressonância. Mas não. A água escorre da torneira e questiono se era mesmo rio ou mar. Meia garrafa de café, pois estou só. Ventilação cruzada em casa oca. Até o mar na Saudade é calado. O único som que escuto vem das plantas que gritam de sede. É verdade, consigo escutar, tamanho silêncio.

O lápis não acompanha a ligeireza do pensar. Na oralidade basta o jorro, mas a palavra escrita carece de toque. Demanda adubo, guiança e poda. São duas as cadeiras nesta mesa, um par, e sinto vontade de fazer da sobressalente uma oferenda para Iemanjá. Se quiser lançar a garrafa térmica na parede, estraçalhando vidro, plástico e café, ninguém reagirá com assombro. Se quiser deitar no chão e encarar o teto por meia hora tudo certo. Ninguém, ninguém, ninguém. Na anarquia da solidão apenas escrevo.

O relógio indica sete horas e lá fora Seu Valter arrasta a canoa pela areia até o mar. Dona Cidinha se despede. Como se batessem ponto e de certa forma sim. Ele estica a rede fina presa em dois bambus e, com seus 83 anos de idade e 20% de visão do olho esquerdo, vai de encontro ao mar. Cidinha

miolo-oraioquerachou.indd 8 21/09/2023 13:48:51

transporta a lenha, invoca o fogo — sempre com devoção — e começa a acomodar as cadeiras e mesas de plástico na areia. Hoje faz exatamente um ano que assisto ao mesmo filme da janela. Saio antes que cheguem os turistas. Volto quando já se foram. Prefiro lidar com estes em Garabebel, da Saudade faço refúgio.

Meus sonhos agora cabem em uma cama de solteiro, frigobar e fogareiro. As margens estreitas me confortam. Da outra vida guardo trauma de cama king size. Eu não sabia que era tão grande, mas me arrependi da escolha ao vê-lo encolhido na outra ponta, outro continente. Corria o risco de se estatelar no chão, mas de costas mantinha a máxima distância possível de mim. Lembrar me queima o plexo solar. Devagar, sem barulho ou vibração, caminhava com as minhas mãos pelos mares que nos separavam e não conseguia alcançá-lo. Ah, como eu queria que com a voracidade de um leão ele girasse e me tomasse inteira, dominando meu corpo compacto em uma só mordida. Pensando bem, leão não, maldito leão, era exatamente esse tipo de pensamento que me causava fúria. Esse é seu desejo? Ser rei de uma matilha de graciosas mulheres do mesmo padrão? Fuzilo suas costas e agora ele não é nada. Eu é que sou jiboia e me enrolo no seu corpo. Sufoco-o com as coxas e só solto quando restar ar para um último suspiro, destinado a mim. Minha presa, te amo tanto.

Desde a despedida cultivo feridas vermelhas que insistem em coçar. Lavo na água salgada, dou escassos banhos de sol e as escondo com roupas inadequadas para o calor de Garabebel. Dona Cidinha oferta babosas que se acumulam na

miolo-oraioquerachou.indd 9 21/09/2023 13:48:51

varanda. Uso nos cabelos e digo que na pele não vejo efeito. Elas já fazem parte de mim, assim como as manchas de limo na parede que vejo agora e, mais uma vez, deixo para depois. Culpa das palavras que me incitam e fazem com que as tarefas domésticas se acumulem nesses 30 metros quadrados. Uma casa construída para um filho que partiu. Seu Valter nunca me disse o nome. Saudade é suficiente. E eu não sou do tipo que pergunta o que alguém não quer dizer.

Escutei poucas e repetidas histórias sobre ele. Menino esperto, de inteligências muitas, mas nunca aprendeu a nadar. Foi estudar quando o paulista chegou com barco de motor. E aí desembestou a falar sobre ruas, prédios e carros. Criou um dialeto incompreensível na Saudade. Foi viver onde falam sua língua. Seu Valter não sabe de endereço. E Dona Cidinha diz pouco, é senhora do fazer. Já eu gosto de pensar que eu e menino trocamos de lugar. Algo orquestrado por forças maiores e impulsos internos. Ele destinado à cidade, eu ao seu lar. Me deixou a proteção de seus pais, os peixes que enjoou de comer e a casinha de tijolos barreados na qual nunca chegou a dormir.

A canoa vermelha que me leva e traz de Garabebel também foi esculpida pelas mãos de Seu Valter. Dos oito quilômetros para ir e para voltar me encantam os ecos distantes. O sol nascendo e se pondo no mar. Mantenho o foco no ritmo da remada. Faço a contagem mental e o pensamento se apruma assim. Escuto a música da pá de encontro à água e só. Vez ou outra me afeto ao lembrar que Iara já foi árvore. Viu passarinho, balançou seus galhos com o vento, sentiu cócegas de formigas

miolo-oraioquerachou.indd 10 21/09/2023 13:48:51

determinadas. Hoje me leva e traz. Meus braços seguem cada vez mais torneados e discrepantes das pernas finas, o que considero mais uma prova de que não se pode ter tudo na vida.

miolo-oraioquerachou.indd 11 21/09/2023 13:48:51

miolo-oraioquerachou.indd 12 21/09/2023 13:48:51

2.

Hoje é dia de alegria fingida e a realidade é inadiável. Garabebel começa a encher para mais um final de semana de capitalismo da melhor qualidade. Belas praias a serem exploradas via mar e trilha, panelas areadas nos restaurantes todos e lojistas alongando os músculos da face. Me encaixo na última categoria. Preparo a mochila impermeável com celular, uma troca de roupa, escova de dentes (dentes limpos são absolutamente necessários para os sorrisos de venda), uma pequena maçã, caderno e lápis. Confesso que esses últimos itens são responsáveis por me escapar um sorriso clandestino. Ajudo Dona Cidinha com as últimas cadeiras, pego sua lista de compras repleta de códigos feitos de erros gramaticais e salto na canoa. Norteada, não sinto a distância. Estaciono Iara no portinho entre as primas caiçaras presas por cordas.

Apesar da energia elétrica, nas ruas principais quem manda ainda são candeeiros e conforme caminho acompanho o apagar de cada um. As pedras estão escorregadias, mistura de

miolo-oraioquerachou.indd 13 21/09/2023 13:48:51

Contato:

marcelaferianicp@gmail.com

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Sabon Next LT
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em setembro de 2023.